

## ENTREVISTA

DIANA LICHTENSTEIN CORSO É A ENTREVISTADA DESTA EDIÇÃO. O ENCONTRO COM A PSICANALISTA FOI UMA CAMINHADA PELO TEMA DA FEMINILIDADE, UNIVERSO TÃO BEM ESTUDADO E EXPLANADO POR DIANA EM SEUS ESCRITOS JÁ PUBLICADOS, QUE, AQUI, APRESENTAM MATIZES DIFERENTES, PRESENTEANDO-NOS COM QUESTÕES QUE FAZEM REPENSAR DE FORMA DELICADA E PROFUNDA SOBRE AS RELAÇÕES E CONSTRUÇÕES DE GÊNERO.

## ENTREVISTA COM DIANA LICHTENSTEIN CORSO

AN INTERVIEW WITH DIANA LICHTENSTEIN CORSO

## FEMINILIDADE E GÊNERO

FEMININITY AND GENDER

**REVISTA – HÁ DIFERENÇA ENTRE FEMININO E FEMINILIDADE? QUAL O CRUZAMENTO DISTO COM O “SER MULHER”?**

**DIANA** – Nunca pensei em uma diferença entre feminino e feminilidade. Um é adjetivo (requer um sujeito, é preciso dizer que alguém é feminino ou masculino), outro é substantivo (sem rigores linguísticos que me faltam, só para dizer que falamos da feminilidade sem precisar atribuí-la a alguém específico). O adjetivo parece como uma fantasia, uma roupa de Drag<sup>1</sup>, que qualquer um pode usar, e o substantivo parece ter alguma essência. Há um grande debate, desde as leituras da teoria *queer*, questionando a essência dos gêneros, e se essa essência teria relação com o biológico.

Pode-se pensar sobre isso a partir, por exemplo, da leitura de Thomas Laqueur, autor de *Inventando o Sexo* (Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud, Ed. Relume-Dumara), que discute a atribuição de gêneros a partir da argumentação biológica em diversos momentos da história da ciência. Por muito tempo, acreditou-se que os órgãos sexuais e reprodutores femininos deveriam ser considerados como um pênis e um saco escrotal virados do avesso e diminuídos, como se lhesurchasse a potência. Órgãos invertidos em sua função. Isso era uma argumentação biológica com consequências para a visão sobre o gênero que descrevem, assim como a questão dos humores que estudamos na psicanálise, sobre a histeria.

Sempre houve argumentações biológicas para definir e estabelecer limites e separações entre aqueles que eram considerados nossos dois modos e opostos de ser: masculino e feminino. São discursos sociais que se fantasiam de teses biológicas. Na prática, o gênero pode passear para lá e para cá, situando-se em inúmeras posições entre esses extremos que não constituem nenhuma essência de pureza. Por outro lado, a revelação e a visibilidade, bem-vindas e necessárias, das infinitas nuances de gênero, vieram acompanhadas, mais uma vez, de uma dificuldade narrativa sobre o que seria uma experiência feminina. A libertação das palavras relativas às inúmeras identidades de gênero possíveis não somou para as mulheres em compreensão de si mesmas. Seus corpos que menstruam (meu corpo, minhas regras) e que potencialmente podem gestar e parir continuaram silentes e misteriosos. Trocando em miúdos, amamentar em público ainda é polêmico, a visão da menstruação é um eterno bicho-papão e mamilos femininos ainda são caso de polícia.

*Diana Lichtenstein Corso é Psicanalista Membro da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). Formada em Psicologia pela UFRGS, é colunista da Revista Vida Simples. Autora de livros, como Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis, em 2005, e Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia, em 2010, escritos em parceria com seu marido Mário Corso, finalistas do Prêmio Jabuti. Tomo conta do mundo: conficções de uma psicanalista, é seu livro solo, composto de crônicas e ensaios, vencedor dos prêmios de Livro do Ano e Crônica de 2015 da AGES (Associação Gaúcha de Escritores) e do prêmio Açorianos na categoria Crônica de 2015.*

*Entrevista realizada pela editora e pela comissão executiva da revista, com a colaboração da psicanalista Emylle Savi.*

A partir da bem-vinda relativização das identidades de gênero, ocorreu a perda secundária, poderíamos dizer assim, de que a experiência feminina continuasse não tendo nada a dizer de particular. É como se essas vivências, tão pouco narradas, que têm a ver com sangue, com fluidos, ciclos e experiências dilacerantes, como o parto, nunca chegassem a encontrar uma forma de representação. Muitas culturas antes da sociedade ocidental tinham uma imagem para o parto, por exemplo, da qual carecemos. Mesmo que hoje se filme e glamourize com mil ritos e lembrancinhas a saída do bebê do corpo da mãe, a cena em si dessa “expulsão” produz arrepios.

A travesti, a transexual, partilham de muitos dos sentimentos do gênero, sem contar que somam em si o sofrimento por ambos preconceitos – por ser mulher e por ser trans. Sua voz é essencial à causa feminista, porém, não podemos dizer que todas as vozes femininas são idênticas, há muitas feminilidades, assim como com certeza há muitas masculinidades.

Gostaria, porém, de ressaltar aqui o tema específico de uma voz narrativa própria de um corpo nascido e sexuado sob forma de mulher. Às mulheres trans não lhes faltam, por certo, padecimentos físicos e consciência da dura conquista de uma identidade feminina, sua escolha requer coragem de guerreiras. Porém, não podemos supor que elas tenham algo a dizer sobre a especificidade de construir uma identidade feminina para aquelas nascidas mulheres.

Mesmo sem entrar no mérito das questões de apropriação cultural, é bom lembrar que incluir inúmeras e bem-vindas nuances, ampliar o leque das identidades, não deve trazer a consequência de suprimir as diferenças. Tenho, por exemplo, um temor de que a condição espetacular da estética *Drag* acabe sendo uma nova forma de machismo, onde o corpo da mulher sucumba a maiores estereótipos, encontre novos véus, novas formas de recalque. Acredito que alguém nascido e sexuado em um corpo feminino tem um compromisso narrativo, que não invalida outros, mas deve somar-se a eles.

O que nós mulheres temos a dizer, por exemplo, sobre uma ereção? Não podemos dizer nada sobre tamanho de pênis, sobre o drama das medidas, sobre o que significa portar um pênis sem que ele sucumba sob o peso de sua valorização cultural. Muito menos sobre o pânico da impotência, sobre o que se sente em função da duração de uma ereção peniana (ou ainda da experiência prazerosa ou frustrante de ejacular dentro de outro corpo). A masculinidade também requer um discurso verdadeiro sobre isso, alheio aos clichês pornográficos. Para ambos, a literatura tem sido a melhor aproximação a essas sinceridades do corpo, que faltam em todos os lugares.

#### **COM ISSO, ENTÃO, É POSSÍVEL SEGUIR AFIRMANDO QUE HÁ CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS DAS DIFERENÇAS ANATÔMICAS ENTRE OS SEXOS?**

Existem, então, algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas, que variam conforme a posição em que nos situarmos frente ao corpo que nos tocou, seja essa pessoa homo ou heterossexual. O discurso relativo ao corpo não depende de escolha de objeto, depende de questões identitárias. Por isso, pessoas situadas em outra identidade de gênero tentam eliminar as características físicas que dizem respeito ao gênero com o qual não se identificam. Claro, é por uma questão de ser vistos, mas também para deixar de ter vivências subjetivas concernentes àquilo que não desejam que faça parte de sua identidade. Ou seja, por exemplo, querer se sentir um homem e menstruar, não rola. Menstruar é muito comprometedor.

Penso que há uma particular dificuldade em narrar o corpo da mulher. Pode ser resultado de séculos de opressão e recalque, pode ter algo a ver com nossa origem, somada ao desvalor do gênero, pode ser pela figura enorme e de difícil desembaraço da mãe confinada na opressiva família nuclear – o fato é que impera a regra do silêncio. Até mesmo esse silêncio secular das mulheres pode produzir um efeito assustador: essas que tanto veem e sabem, mas nada dizem, se abrissem a boca, o que poderiam revelar dos bastidores da infância, da virilidade, da sociedade como um todo?

É a isso que Virgínia Woolf se refere quando escreve que uma mulher em estado de introspecção, buscando inspiração, seria como uma pescadora. Ela observa que as mulheres, quando chegam a águas mais profundas, necessariamente vão sentir que seu anzol bate em alguma coisa, em uma pedra, em um rochedo, em um lugar que elas não podem ultrapassar. Estes seriam os momentos em que elas se deparam com o sinistro, com o inefável. Isto também pode acontecer com um homem, quando entra em contato com seu desamparo.

Virginia Woolf insistia que o discurso feminino ou masculino na literatura não eram prerrogativa de nenhum gênero, eram estilos à disposição de quem se sentisse assim. Ela foi precursora, hoje existem mais experiências femininas ao alcance dos homens e vice-versa que em seus tempos.

Existem, porém, experiências do corpo que ainda precisam abrir seu caminho entre as palavras. Eu não saberia dizer ao certo quais quadrantes do corpo masculino sucumbem ao silêncio, mas quanto ao feminino refiro-me particularmente à fertilidade – na sua aparição, potencialidade e desaparecimento – e à maternidade. Essas experiências, às quais se têm acesso apenas através de metáforas e alusões oníricas, podem ser pensadas a partir do “estranhamento”, também denominado de “sinistro”, por Freud.

Não ignoro que o real do corpo resiste à representação, mas o silêncio a que me refiro é maior que isso, afeta inclusive o mínimo de esclarecimento sobre a fisiologia da mulher em suas diversas fases. A menopausa, por exemplo, é um mistério até para as que têm acesso a estudos e cuidados médicos competentes, é mal falada até entre as mulheres. Digo mal falada de propósito, porque diz-se pouco e fica-se restrito a queixas sobre isso.

Podemos argumentar que isso seria uma questão cultural, que esse corpo, como todos os da sociedade, obedece a regras de normatividade e controle. O fato de que todas as experiências de gênero sejam uma adequação a ideais sociais, não nos impede de pensar a específica conjugação desse cerceamento do olhar público sobre as características de um corpo nascido do sexo feminino.

Estamos vendo, por exemplo, várias manifestações de uma fantasia de inspiração pedófila que tem formatado a mulher enquanto desejável quando se parece com as crianças. Coisas como, por exemplo, a supressão de cabelos, da menstruação através de hormônios, a erradicação dos pelos pubianos, labioplastias vulvares, seios sempre duros. Existe um movimento histórico de descaracterização do corpo da mulher, como ela é, para aproximá-lo de um formato infantil, ou mesmo, de uma boneca. Por que será que o corpo natural, não modificado, de uma mulher adulta é tão difícil de suportar?

Acredito – e esta é uma tese incômoda – que a cultura *drag*, em seu formato tradicional, acabou se somando a essa fetichização e repressão da verdadeira imagem das mulheres. Essa estética acaba chamando-as de volta a um lugar que muitas delas já não ocupam, ou não gostariam mais de ocupar, como se

nisso estivesse a essência da feminilidade. Essas representações femininas es-crachadas, voluptuosas, vestidas para seduzir, mas não para se movimentar de verdade, são apenas uma brincadeira, mas são reveladoras.

Por muitos anos, quando me perguntavam qual o melhor filme sobre o feminino, eu costumava dizer Priscilla, a Rainha do Deserto (filme dirigido por Stephan Elliott, 1994). O que me encantava era que a personagem transexual Bernardette estava sempre dizendo para suas parceiras, as *drag queens* Felicia e Mitzi, algo como: “Menos pessoal, menos. Quando se é mulher, não se arrisca tanto, vocês não estão entendendo como dói e é perigoso ser mulher”.

Ela tinha nascido homem, mas quem sabe a batalha pela transformação de seu corpo a tivesse colocado em uma posição feminina na sua subjetividade. Ser mulher é ter um corpo saliente, que paradoxalmente deve ser tratado como um mistério.

Então, de novo, estamos saindo do biológico e admitindo que ela – uma mulher trans – pode ocupar essa posição. Sim, existe uma visão de fora do registro fálico que mostra a potência como algo volátil, muito frágil. As mulheres, nascidas ou tornadas tais, quando situadas em uma subjetivação feminina, podem ocupar muitas posições, mais ou menos fálicas, mas acabam tendo que lidar com um saber a respeito da fragilidade das figuras públicas. Elas tendem a ser menos crédulas do brilho fálico.

A mulher nunca vai se achar tanto quanto um homem se acha (no sentido de ousar, se arriscar). É claro que mesmo mantendo uma identidade de gênero feminina, ela pode não se dispor a pescar nas águas profundas da feminilidade. Para tanto, como ocorre com um transexual qualquer, terá que suprimir, recalcar e acabará lidando mal com as experiências de um corpo que a atrapalha, que sugere vivências que não lhe interessam. Usará hormônios, fará plásticas, o que lhe for necessário para não se confrontar com o que sangra, faz ciclos, se esgafa, infla e desinfla. Não há nada de errado ou menor nisso, fazemos com nosso corpo literalmente o que conseguimos, representando nele nossos desejos e a identidade que nos anima.

Felicia e Mitzi, as travestis de Priscilla, “se achavam”: encarnavam e sentiam-se como mulheres glamourosas. É bonito e prazeroso o sentimento de poder parecer o que se deseja ser. A outra personagem, Bernardette, subjetivada desde uma posição feminina, não “se achava” tanto. Não por inibição moral, mas pela condição historicamente feminina de perceber a fragilidade de qualquer figura pública. Ela partilhava a visão que a mulher tem, típica de quem olha desde os bastidores, de quem conhece a intimidade, das eternas *cicerones* da intimidade.

Essa posição feminina, que inclui a percepção sutil do outro, nos remete ao que Winnicott propõe como sendo a “preocupação materna primária”, detalhe: o psicanalista britânico, um homem, dispunha dessa sensibilidade como ninguém. Segundo sua teorização, a mãe realiza – no sentido de tornar real – algo para o bebê, fazendo-o surgir no instante em que ele está no ponto de imaginá-lo. Essa é sua magia: realizar desejos que ele nem sabia que tinha. Ela faz uma leitura, a partir de um *ballet* de corpos, de olhares, de silêncios, do que for, para traduzir o bebê para si mesmo, de tal modo em que faz surgir seu eu, seus desejos e seu mundo concomitantemente.

É por isso que digo que, desde uma posição feminina, uma mulher pode fazer tudo que um homem pode fazer, mas ela dificilmente vai se colocar com a

mesma valentia ingênua que o homem, ou alguém subjetivado em uma posição masculina, se coloca. O anzol dela sempre bate no rochedo, quando tenta ir a águas mais profundas, provavelmente porque ela, ao se admitir potencialmente materna, é obrigada a compreender que nosso mundo e nosso eu são mais fantasiosos que aquele que se coloca na posição do bebê poderia pensar. Nesse sentido, refiro-me à feminilidade cautelosa de Bernardette, ela percebe o potencial de desamparo da nossa existência.

A mestria sobre a morte sempre foi o que fez do homem o que ele é. Simone de Beauvoir dizia que o prestígio de tirar uma vida sempre foi maior que o de criá-la. Ao mesmo tempo em que alguém na posição masculina se vangloria desse poder, uma mulher costuma colocar o lado dela, que é o de dar a vida, como uma obrigação apenas. Seria um fato biológico, naturalmente emanado de sua anatomia, mas sem a chancela simbólica de um valor social, “algo ao alcance de qualquer animal”, nas palavras de Beauvoir.

Há um lado, sinto dizer, de certo modo monstruoso e traumático na maternidade, justamente porque ela se impôs como uma tarefa do corpo da mulher, independente dela como sujeito. A polêmica sobre o aborto, por exemplo, é encabeçada pelos filhos que, mesmo depois de adultos, gostariam de ter poder sobre os corpos de suas mães, não ficando, desta forma, dependentes da vontade – ou não – delas para nascer.

O poder da mãe produz reações fortes. A maternidade, quando experienciada, ou mesmo quando uma mulher a coloca enquanto realidade potencial em sua vida, bordeia essas questões: tornar-se um corpo em torno do qual há um litígio social de poder, aproximar-se da representação forte e ambivalente da própria mãe. Por isso escrevemos (o Mário Corso e eu) que certas fantasias monstruosas como nos filmes *Allien*, *O bebê de Rosemary*, *A profecia e Precisamos falar sobre o Kevin* diziam muito do lado sinistro das vivências reais da maternidade. (No livro *Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*, 2010).

São fantasias que revelam o potencial de monstruosidade do feto, do corpo materno, do parto, da continuidade física e psíquica entre a mãe e o bebê, sobre as quais as mulheres não falam, nem entre si. Isso faz com que elas se envergonhem ao se deparar com esse lado, e tendam a ser medicadas em quadros diagnosticados como depressões puerperais. Estes, muitas vezes não são mais que a situação de confusão e profundo desamparo de uma mulher grávida ou puérpera. Momento da desautorização de si para cuidar de um bebê, aquele em que ninguém acredita ser capaz, porque se dá conta da fragilidade da vida. São mães assustadas, angustiadas, apenas.

Sobre isso as mulheres pouco falam, aderem ao discurso moralista dominante de sempre santificar a maternidade. Eu acredito que entram em sintonia com a exaltação machista da maternidade, como uma espécie de orgulho de si, do que haveria de específico, mas também para colocar-se de fora da intensidade dessas vivências. São defesas obsessivas, normatizando a “boa” maternidade, enchendo-a de ritos e prescrições, para que ela fique mais domada e palatável. Há hoje muitos *blogs* e *sites* pelos quais as mulheres se comunicam rompendo esse silêncio, mas que também servem para essas normatizações... é uma fronteira difícil de discernir.

## HAVERIA, ENTÃO, UM CONTRASTE ENTRE ESTES NÃO-DITOS E O INDIZÍVEL DO “SER MULHER”, COM A AFIRMATIVA IDENTITÁRIA DA TRANSEXUAL?

Sim, com certeza. Isso é muito claro no filme *De gravata e unha vermelha* (documentário dirigido pela psicanalista Miriam Chnaiderman, 2015). Essa forma como o discurso sobre a feminilidade enquanto positividade é mais próprio de alguém migrado que das nativas do gênero. Eu parei de reificar o filme *Priscilla*, embora ainda pudesse assisti-lo muitas vezes. A cena de abertura desse filme de 1994 é muito tocante: uma personagem travesti está fazendo *lip sync*<sup>2</sup> com uma música que faz uma canonização da mãe e a exorta a valorizar isso acima de todas as vivências. Prestem atenção nisso quando forem assistir ou voltar a assistir.

No filme *De gravata e unha vermelha*, o discurso da artista Rogéria sobre a sua mãe também é uma espécie de canonização: a coloca como sagrada, cujo amor deu-lhe toda a razão de viver e de ser o que é. Isso aparece em boa parte das transexuais do filme, o discurso sobre a mãe acima de tudo.

A feminilidade exuberante é fálica, é masculina ou formatada para o gosto desta, não importando de que sexo seja quem a encarna. Há alguns gestos femininos que lembram exageradamente as primeiras divas do cinema, que só as *Drag Queens* fazem com perfeição. A feminilidade tende a ser mais insegura, não acredita ser, mas sim tornar-se, com dificuldade e insegurança, como diria Beauvoir. Ela não é convicta de si mesma, mas a feminilidade na performance de um homem é.

## A IDEALIZAÇÃO DO MODELO DE MÃE, DIFICULTA A EXPERIÊNCIA DA FEMINILIDADE?

O ideal está sempre ali para nortear e oprimir. Não podemos evitar uma visão idealizada de qualquer coisa. Ele funciona como a cenoura do burro: amarrava-se uma haste com uma cenoura ao corpo do animal, de tal modo que o burro andava, mas nunca a alcançava. O ideal vai ser nossa cenoura, mas há algo próprio da mulher, quando se coloca no lugar materno, que é a constatação de que esse lugar é de frágeis contornos. Fica-se então com uma cenoura – um ideal – que claudica. Ela sabe disso porque mesmo que esteja vivendo um lugar materno e mesmo assim sente que ele não está sempre ali, ou porque foi treinada para enxergar os vazios nos quais a sua mãe costumava cair, os desvãos nos quais as mulheres se acostumaram a desaparecer.

Tentei pensar isso a partir do conceito de André Green de “depressão branca”, tomando-o de modo metafórico, não relativo ao luto por uma perda factual, mas sim no sentido da posição observadora e expectante do filho frente aos humores da mãe. É como se houvesse algo na subjetividade feminina, da qual hoje nos aproximamos como sociedade, no sentido da fragilização, da tristeza pelo trincamento do cristal fálico que se acreditava ser de outro material mais resistente. Muitas das reações fascistas que vemos são tentativas de colocar o falo no seu lugar ou devolvê-lo à sua posição segura, uma espécie de priapismo social. Podem ser tentativas delirantes de alicerçar melhor o obelisco.

Uma consciência propriamente feminina poderia ser definida como incapacidade de ignorar que, quando estamos olhando nos olhos da mãe, como fazem as bailarinas ao fixar um ponto para não se desequilibrar, e os bebês para aprender a andar, ela pode se distrair e nós quase caímos. Tenho a sensação de que uma filha mulher sabe melhor do que ninguém que o olhar de sua mãe fraqueja, se ausenta.

Justamente é isso que eu encontro em Virginia Woolf a repetição em seus livros dos vários momentos em que a personagem da mãe se ausenta, quando todos pensam que ela está presente. Num ensaio do meu livro *Tomo conta do mundo: conficções de uma psicanalista*, trabalhei a partir de cenas domésticas da obra *Ao Farol* estruturadas em torno da personagem da mãe, nas quais ela se ausenta momentaneamente, mesmo quando parece estar presente. O personagem do patriarca se ressentido quando suspeita tal desatenção, reivindica ativamente seu olhar, mas as filhas mulheres da história percebem isso com mais sutileza, subjetivam-se a partir dessa experiência. Como se a apropriação da feminilidade fosse a aquisição dessa consciência da ausência.

Isso faz com que seja muito assustadora a posição de dar a vida, porque sabemos que as bases do amor materno são inconsistentes, frágeis. Acho que uma das razões pelas quais nós mulheres temos uma relação tão delicada com nossas mães é essa. Não é porque a mãe nos negou o falo, no sentido literal, mas porque a mãe nos negou o amparo da certeza fálica. O fato de que as mulheres apoiam tão mal umas às outras na maternidade, colocando pautas fálicas, exigindo umas das outras rotinas obsessivas e relações sacralizadas com o alimento, com a amamentação, o fato de que frequentemente criticam-se e competem de modo cruel em vez de se apoiar, pode ter relação com essa mágoa pela presença claudicante da mãe.

#### **PODEMOS FAZER UMA SEPARAÇÃO ENTRE A MATERNIDADE E A MULHER, PARA QUE ADVENHA O QUE HÁ DE FEMININO?**

Teoricamente, a experiência real da maternidade não é necessária. Mas é preciso pensar na maternidade para além dos fenômenos físicos da gestação, do parto, da amamentação. Porque se assim fosse, uma mãe adotiva não poderia se dizer mãe, e sabemos que não é assim. Sabemos que a função materna e a subjetivação da criança independem da experiência física de carregar o bebê na barriga, parir, etc. A função materna é plástica e independe da anatomia ou da experiência física concreta. Porém, acredito que as vivências reais, do feminino em um corpo nascido mulher, enquanto um potencial de fertilidade realizado ou não, e se realizado mais ainda, tendem a uma fantasmagoria específica.

Este é um território nebuloso. Por exemplo, em nenhum momento foi pensado o corpo do homem como contendo traumas próprios da masculinidade. Qualquer psicanalista sabe que a condição fálica não é nada simples. Há algo que fraqueja no macho que tem que sustentar esse mastro a vida inteira. Por vezes, porém, caímos em alguns clichês discursivos, como psicanalistas e, com eles, temos nos protegido de pensar sobre os efeitos do real do corpo.

Esse corpo é tão inefável que costuma ser ritualizado, cerceado, proibido, e hoje está sendo cada vez mais modificado, transformado. Refiro-me às intervenções corporais que fazem com que, por exemplo, a nudez seja hoje quase inexistente, porque um corpo escultural nunca fica nu. Próteses, lipoesculturas e hipertrofias musculares são como roupas internas, tanto que quanto mais presentes forem, menos esses corpos tendem a se cobrir: eles já têm incorporada a forma pública recomendável, sem precisar vestir-se.

Acredito que isso é diferente da tatuagem. Há um recato na tatuagem, que mesmo quando muito escancarada é de caráter diferente da mostraçãõ de *bodybuilding*<sup>3</sup>. A tatuagem também é indesvestível, torna uma parte do corpo oculta para sempre, fadada a narrar o que seu dono a faz dizer. De qualquer maneira, são corpos eloquentes, mexidos, transformados, de tal modo em que

mesmo sem roupa estarão sempre carregados de significados, quer seja de conformidade social, quer seja de personalização ostensiva.

Temos uma série de novas questões relativas ao corpo, tanto feminino quanto masculino, hoje ainda mais domesticado que nos tempos do espartilho. Nesse sentido, a psicanálise tem trabalhado, menos do que deveria, sobre a dificuldade de portar um corpo concreto, não somente em termos de sexuação, construção de uma identidade ou exercício do desejo. Por exemplo, no que diz respeito à velhice, ainda temos muito o que pensar. Por que a velhice é tão insuportável? Porque nela o corpo se torna uma realidade incontornável. Envelhecer é não poder negar que o corpo existe. A mulher, sexuada feminina, em um corpo nascido mulher, é também alguém que lembra que o corpo existe, porque ela sangra, porque ela engravida, etc.

Toda essa questão da TPM (tensão pré-menstrual), o que é isso? Que estado é esse de tanta indisposição com nosso fazer ciclos? Existe um fetiche de que a mulher fica louca, agressiva, doente, mal, quando menstrua, por causa de seus hormônios. Particularmente não acredito, sei das dores, dos inchaços, dos pensamentos próprios desses períodos, mas me pergunto sobre o significado social da “Tensão pré-menstrual”.

Temos de fato oscilações hormonais, mas a questão é sobre por que acabamos inimigas destas manifestações, a ponto de senti-las como sintomas de uma doença crônica? Acredito que a TPM é fruto, justamente, do silenciamento da menstruação. Sabemos, por exemplo, que, às vésperas de menstruar podemos ficar com alterações no limiar de dor, hipersensibilidade, alguma irritabilidade. Isso ocorrerá até o ciclo hormonal seguir seu curso, até o desmanche do ninho fisiológico montado para receber um óvulo fecundado. São fatos do corpo, mas as vivências serão subjetivas, culturais, sintomáticas, dependendo da narrativa que faremos dela.

Frente a essa dimensão psíquica, o que fazemos? Tenta-se evitar que isso se faça presente, tenta-se silenciar o corpo. Como quando fazemos exercício físico, por exemplo, percebemos a dor de quando o músculo está quente seria boa, mas a fígada no joelho diria que estou machucando meu menisco. Vou parar de correr. Parece simples, mas acaba sendo difícil manter essa mesma percepção delicada do próprio corpo no caso das mulheres que estão para menstruar.

As manifestações físicas femininas tendem a ser vivenciadas de modo paranoide, talvez próximo do pânico, elas parecem estar contra quem porta esse corpo. Se uma mulher eventualmente se sente indisposta, com alguma dor, ela pode se cuidar, ir deitar mais cedo, tomar providências para lidar com esses circuitos que se farão presentes todos os meses durante décadas de sua vida. Ela poderá entender isso como um momento peculiar, pois todo corpo tem dias da caça e do caçador, prever, cuidar, mimar-se, o que é diferente de irritar-se, sentir-se injustiçada por ser mulher. Não é necessário ficar de cama quando se está menstruando, mas sim permitir-se alguma autopercepção sem entrar em pânico. Os homens também se assustam quando confrontados com as manifestações de seu corpo, por isso são famosos pela covardia frente à dor e pela infantilidade quando estão doentes. O corpo real é inquietante quando percebido, mas o corpo feminino é de uma realidade intempestiva, insistente, inegável, sempre presente, queiramos ou não.



**PARCE QUE O RITMO QUE A MULHER ENCONTRA NO PRÓPRIO CORPO, COMO A MENS-  
TRUAÇÃO, NÃO É SUFICIENTE. ELA BUSCA ESSE RITMO NO DISCURSO MASCULINO, NAS  
CERTEZAS FÁLICAS...**

Sim, trabalhei também isso naquele ensaio sobre Woolf, nos momentos em que as personagens femininas buscam refúgio para a angústia na presença de seus homens, maridos, pais, parentes, simplesmente deixando-se ficar em companhia de suas rotinas viris de ingleses metódicos. Elas descansam de si no ritmo da previsibilidade, próprio dos rituais do mundo viril. Winnicott nos lembrava de que os hábitos são os confortantes herdeiros dos cuidados maternos, que carregamos conosco para nos autoninarmos pela vida afora. Ah, esses britânicos...

Virginia escreveu sobre isso, como um ritmo positivo, persistente em sua imutabilidade do qual, como dizia, a subjetividade masculina defende a certeza. Já o ritmo da mulher é de positividade-negatividade, é vida e morte. O aborto, como disse anteriormente, significa a vontade da mulher decidindo sobre a vida e morte, e não a vontade da gestação se impondo no corpo dela. Por isso a concepção nos lembra o filme *O Bebê de Rosemary*. A personagem Rosemary quer muito ter um bebê e prepara-se para isso. Embora ela queira, ela não poderia não querer. A sociedade satânica lhe impõe uma fecundação alheia à sua vontade sob forma de um estupro. Terá então uma gestação alheia à sua vontade, tornando-se um corpo receptivo da vontade dessa sociedade.

Quando a subjetividade da mulher se sobrepõe ao real da fertilidade, pode produzir horror. Isso ocorre com homens e mulheres, justamente porque se trata da possibilidade de não ser. A liberdade do desejo da mulher obriga-nos a admitir a possibilidade de não termos existido, e isso faz do aborto um grande tema. O desejo feminino pode ser visto como algo perigoso porque namora algo pior que a morte: a não existência, o não ter nascido.

**HÁ UMA RELAÇÃO ENTRE A MULHER E A MELANCOLIA?**

Há um livro, chamado *A mulher e a melancolia*, da Anne Juranville, que precisamos estudar. Talvez a mulher tenha algo de melancólico no sentido de carregar o falo morto ou a ausência da mãe dentro de si. André Green descreve o filho que percebe a melancolia da mãe e se deprime.

Claro que isso pode ser visto como um discurso moralista. A tendência à culpabilização da mãe tornou-se uma reação clássica a partir de certa leitura das teorias psicanalíticas. Esse é um fato que tem levado muitas mães à discórdia com a psicanálise, principalmente quando culpabilizadas por qualquer percalço sofrido por uma criança. Se escuta, “mas também, ... com essa mãe”, porém é muito mais raro escutar “mas também, ... com esse pai”. Do mesmo modo, nas histórias de fadas, a mãe má merecerá uma espetacular vingança, uma punição, mas os pais malvados são sempre perdoados. De alguma forma, não se perdoa a ela essa ausência.

Há uma leitura muito equivocada e moralista da expressão “mãe suficientemente boa”. Winnicott se expressava em termos próximos ao pediatra que era, e essa denominação visava a esclarecer as atribuições da função materna. A leitura da psicanálise enquanto teoria prescritiva, o que sabemos que não se presta para ser, quanto à relação mãe-bebê, faz com que as mães fiquem na angústia de oferecer algo que seja um “a mais”, não apenas “suficiente”. Algo que não está ao seu alcance, que seria uma segurança e uma presença absoluta-

mente tranquilizadoras. As descobertas do vínculo que a relação mediada pelo seio propicia, da importância de uma alimentação saudável e equilibrada, do significado das atividades lúdicas e da diferença que faz a presença efetiva da mãe (da função materna, deveríamos dizer), para o desenvolvimento dos bebês, propiciam uma corrente, mais uma, já houve outras, de revoada das mulheres de volta ao lar.

Ótimo para as que assim desejarem, pelo tempo que acharem conveniente. Mas mesmo elas sofrem uma sensação de não serem suficientes. Imaginem então o que sente a massa de mulheres fadada a distanciar-se de seus bebês, por exigências de trabalho, estudo ou que for. Seria tão bom que pudéssemos suportar algo que já sabemos, por ser filhas mulheres: uma mãe suficientemente boa não é uma totalidade, é apenas uma suficiência. Winnicott lembrava da “mãe ortopédica”, que é cem por cento presente por ser reativa à dificuldade de vínculo real que tem com seu bebê. As mães hoje são ortopédicas, onipresentes, estão para tudo. Talvez tenhamos que buscar também nessa cobrança social essa epidemia de diagnósticos de crianças que tendem à depressão, à hiperatividade, há aí uma floresta de indagações.

### COMO FICA A QUESTÃO DA IDENTIFICAÇÃO?

A identificação passa pela incorporação de coisas que não assumimos como sendo do outro: como aquilo que a criança pega, e que a mãe oferece para que ela pegue, que ela transforma em seu. A criança pensa que foi ela que inventou. A mãe dá o que a criança está a ponto de inventar, essa é a função materna.

A partir desse momento a criança não reconhece como vindo do outro aquilo que ela pegou. Não há reconhecimento da ordem da herança cultural, da dívida simbólica. Essa primeira experiência de transmissão, desde o ponto de vista feminino, se dá de um jeito em que o sujeito toma para si aquilo, como se sempre tivesse sido seu, porque aquilo passa a ser ele, não dele. Passa a ser da ordem do ser, não do ter. Então, aquilo que é do ser, não temos como agradecer. Às mães cabe, então, esse lugar que parece ingrato, mas é causa de pesadelos em homens e mulheres.

Por isso, mesmo que possamos pensar a feminilidade e a masculinidade enquanto vozes, posições discursivas, enquanto psicanalistas precisamos estar atentos ao que é sintomático, metafórico, onírico. É neste último território das manifestações do inconsciente que temos que buscar os rastros do silêncio das mulheres e dos seus significados. A leitura dessas manifestações do inconsciente está sempre ao nosso dispor: nos divãs, nos sintomas sociais e na arte.

### NOTAS

1. Referência à Drag Queen.
2. Termo inglês para sincronia labial, no qual combina-se o movimento dos lábios com uma voz.
3. Termo inglês para fisiculturista.